

SERINGUEIROS

SIGNIFICANDO formas de civilização decorrentes da cooperação da natureza e do homem, os conceitos de gêneros de vida e de horizontes de trabalho encontram, na Planície Amazônica, especialmente nas terras baixas do Solimões e nas dos afluentes da margem direita, a montante do Madeira, todo o seu interesse geográfico, sintetizado no ajustamento do seringalista, a um quadro, cuja fisiografia uniforme, tem como um dos seus corolários, a simplicidade da vida econômica.

Personagem típico de uma região, em torno do qual, gira completa, uma organização econômica e social curiosa, integrada pelos seringueiros — principais figuras da exploração industrial da borracha — o seringalista é a réplica amazônica do fazendeiro de gado, ou de café, das outras regiões do país, no desempenho do seu papel de chefe, patrão, ou dono do seringal.

Extensão de terrenos, de propriedade de um indivíduo, o seringal encerra, no seu arcabouço mais comum, quanto à vida humana, além do barracão, onde mora o dono, o aviado ou concessionário do seringal, uma ou duas barracas, habitadas por dois seringueiros, ou uma família. É a margem.

Nas adjacências, encontra-se, o campo, pasto para os animais e criação miúda. O interior do seringal, constitui o centro, no qual se acham distribuídas, naturalmente as héveas, em meio a árvores outras, distintas do trifólio alterno da seringueira, reconhecido facilmente pelo mateiro, na arriscada profissão de abridor de picadas na floresta, estradas, que o seringueiro percorre duas vezes ao dia de trabalho, na sua faina de realizar incisões nas árvores, ou corte, e a conseqüente colheita do látex, escorrido das sangrias.

A coagulação posterior do líquido, processada no tapiri, pequena barraca, segundo o sistema indígena da defumação, dá em resultado a borracha, objeto da indústria extrativa principal da região.

É da exploração econômica das seringueiras, fornecendo a hevea-brasiliensis a borracha de melhor qualidade, que vivem os seringueiros.

São naturais da região, ou nordestinos cearenses, emigrados em consequência das secas particularmente intensas, a partir de 1877.

Os seringueiros, filhos da região, trabalham nos seringais envelhecidos da área restrita às ilhas e terras planas do baixo Amazonas.

Contratados pelos aviadores, comerciantes de Manaus e de Belém, os paroaras, imigrantes do Ceará, exercem a profissão na zona das cabeceiras dos rios, de cujas margens, chegados pelos gaiolas, são encarregados pelo mateiro para as colocações ou centros, quase sempre ainda virgens de trabalho humano.

Nos centros, passam a viver, então, dispersos na floresta, tendo cada qual, a responsabilidade, de tomar conta de estrada, cuja abertura marca, necessariamente, o princípio da exploração de qualquer seringal.

A esses dois quadros esboçados e geograficamente opostos, correspondem dois tipos humanos, mesológica e psicologicamente distintos.

O primeiro é o seringueiro das ilhas, sendo o segundo, o seringueiro das cabeceiras, ou dos afluentes remotos, ambos retratados com fidelidade pelo escritor RAIMUNDO MORAIS, em "Na Planície Amazônica".

Seja qual for o seu domínio, o equipamento do seringueiro, se reduz à faca, balde, tigelinhas, bacia, buião, fôrma ou tariboca.

Nos regimes de vida e nos horizontes de trabalho, há porém, diferenciações locais interessantes entre os dois tipos de servidores dos seringais.

O das ilhas, embarcado na montaria, só depois de nascido o sol, parte para o trabalho, na vazante da maré, vestindo calças de algodão, blusa, gorro de pano à cabeça, levando faca, balde, terçado e espingarda, "pica-pau".

Trabalha em seringal esgotado; sua estrada é às vezes, de espigão; seu corte se estende a oitenta madeiras, se tanto, para conseguir, no máximo três galões de látex, que no regresso à palhoça, defumará, sob a assistência da mulher, com quem cedo se casou, e à vista de numerosa prole.

Desenvolvendo sua atividade como emérito canoeiro, é um ectiófago que contrasta com o andarilho das cabeceiras, cuja alimentação essencial é constituída de feijão e assado de jabá atualmente em decadência.

Em regime já diverso, o seringueiro das cabeceiras é um madrugador que, às três horas, se encontra sem demora, preparado para a luta, trajando calça e blusa de mescla azul, borzeguins de borracha, de fabricação própria, ostentando terçado na cinta e rifle a tira-colo.

Na cabeça, exhibe capacete de latão sobre o qual assenta a lamparina de querosene, auxílio para o serviço de corte, "à noite", quando desfecha na casca de cada árvore, até três golpes seguros, com a faca, podendo, se for hábil seringueiro, sangrar e entgelar, umas duzentas madeiras, que lhe darão quantidade de látex, entre oito e vinte galões diários. Sua estrada é quase sempre a de fecho na boca, de sorte que, após haver descrito uma volta, encontra-se de novo ao pé da residência, à qual regressa muito antes do meio dia.

A segunda etapa da jornada consiste em novo mergulho na floresta, afim de recolher o látex das tigelinhas, embutidas pela manhã, no corte das madeiras.

Cerca das quinze horas, já outra vez, na barraca, inicia com a ajuda do buião, e o emprégo da tariboca, o preparo da borracha, fabricando as bolas, as quais, depois de marcadas, seguem por terra, pelas tropas de burros, combóios, ou descem o curso d'água, à maneira de balsas, amarradas em espiral, em busca da margem, isto é, do barracão do seringalista, onde o serviço é pago, quando não se realiza a troca da produção por alimentos e artigos de primeira necessidade, num abuso mercantil de boa fé, só ultrapassado pela ganância do regatão, singular mascate de montaria, típico do interior amazônico.

Enfrentando clima hostil, "amansando o deserto", no dizer de EUCLIDES, humanizando a paisagem, os intrépidos seringueiros além de concorrer para o povoamento e desenvolvimento econômico da Amazônia, realizaram o prodígio da re-incorporação do Acre, ao patrimônio da nação.

Na época da baixa das águas, ao partirem para os serviços do centro, os seringueiros aí permanecem até a estação das grandes chuvas, quando a floresta se torna inhabitável. Refluem, então, para os entrepostos, para os barracões, ou povoados, onde, enfim, encontram realmente um pouco de descanso, graças à pulsação sazonal, que na grande região natural, impõe sua disciplina geográfica a todas as variadas formas da atividade humana.

